



Psicologia para Ativistas da Paz

pág. 2/6

Capítulo 5 Ação versus Teoria de Poltrona

A ação é o passo fundamental para o desenvolvimento da consciência. Dentro dos movimentos de paz, ela permite reconhecer o ativista da paz. Em psicologia, ela permite reconhecer a nova psicologia como uma psicologia da ação. Todos os outros aspectos do desenvolvimento da consciência podem ser reconhecidos em termos de sua ocorrência antes ou depois da ação inicial: alguns são precursores, outros são conseqüências que vêm depois, como resultado da ação. Como vimos, o passo dos valores e propósito, bem como o passo da raiva, são precursores que formam a base e motivam a ação (muito embora estes estágios continuem a desenvolver-se e ganhar intensidade juntamente com os passos seguintes).

Em se tratando de paz, há muitas pessoas que nunca se desenvolvem até o ponto da ação. Todos conhecemos pessoas que parecem partilhar de nossos valores, propósitos e raiva em favor da paz e da justiça mas que, por algum motivo, se limitam a pregar uma "teoria de poltrona" e um "evangelho de gaveta", como descreve Martin Luther King Jr.:

Uns poucos fiéis sempre mostraram grande preocupação com problemas sociais, mas muitos deles se mantinham alheios à área da responsabilidade social. Boa parte dessa indiferença, de fato, vinha de um sentimento sincero de que os ministros não deveriam se imiscuir em questões temporais terrenas como melhorias econômicas e sociais, mas deveriam "pregar o Evangelho" e manter a mente dos homens centrada nas questões "celestes". Não obstante sua sinceridade, esta visão da religião era, ao meu ver, muito limitada (...). Qualquer religião que se diga preocupada com a alma dos homens e que não se preocupe com as favelas que os levam à perdição, as condições econômicas que os sufocam, as condições sociais que os mutilam, é uma religião de gaveta.

King bem poderia estar descrevendo certos professores universitários com as mesmas palavras que dirigiu aos ministros religiosos.

O primeiro passo para a ação pode ser bem dramático para aqueles que vêm de profissões dentro da igreja ou da universidade, onde predomina a teoria de poltrona. Exemplificando, a ação inicial de Jane Addams, que lançou toda sua carreira de trabalho social, começou quando ela vagava "desligada" e "desiludida" pela Europa depois de sua visão de "desespero e ressentimento" em Londres:

É difícil dizer exatamente quando o simplíssimo plano, que depois se tornaria o Assentamento, começou a formar-se em minha mente. Talvez tenha sido antes de minha segunda viagem à Europa; mas aos poucos me convenci que seria uma boa coisa alugar uma casa num bairro da cidade onde se encontrassem muitas carências básicas e verdadeiras, e onde moças que haviam se dedicado exclusivamente ao estudo poderiam reencontrar um equilíbrio em atividades tradicionais e aprender sobre a vida com a vida mesma.

Da mesma forma, a decisão fundamental de Martin e Coretta King de mudarem-se de Boston para Montgomery, Alabama, foi tomada porque "apesar das desvantagens e sacrifícios inevitáveis, nosso maior serviço seria prestado no Sul, de onde vínhamos (...). Não queríamos ser considerados espectadores isentos". Como previram, este movimento os colocou bem no centro do drama que se desenvolvia em torno da luta pelos direitos civis e, em última análise, do movimento contra a guerra do Vietnã.

Talvez, a mudança mais dramática da teoria para a ação foi experimentada por W. E. B. Du Bois. Durante anos ele trabalhou dentro da academia, onde "tentava me isolar na torre de marfim racial". Como cientista ele abriu novos horizontes desenvolvendo a nova ciência da sociologia e aplicando-a pela primeira vez em relação à raça negra, mas seu trabalho não vinha tendo qualquer efeito no mundo real. Somente quando sua "indignação transbordou" é que ele voltou-se para "a ação agressiva", convocando uma reunião de ativistas que se reuniu perto das cataratas do Niagara. Ele fundou o Movimento Niagara, que depois se tornou o NAACP (Associação Nacional para o Desenvolvimento de Pessoas de Cor), onde Du Bois tornou-se líder ativista pelos direitos civis e depois pela paz.

Um princípio básico da nova psicologia é o de que as pessoas são transformadas pelas ações que iniciam. Não só as conseqüências da ação mas o próprio processo de agir modifica o ator, de forma que ele ou ela se torna "uma nova pessoa" operando a partir de um estado de consciência mais elevado. Valores e propósito são reforçados. A raiva é canalizada para a ação ao invés de voltar-se para dentro e degenerar em pessimismo. O pessimismo é dissipado por resultados reais. Como escreveu Sandy Pollack: "Tenho que trabalhar pelo que quero, e nisso repousa a beleza e a alegria (...). Quando estou engajada na 'luta', em conseguir o que quer que seja, não estou deprimida – ao contrário, sinto-me muito bem".

As pessoas são transformadas por suas ações, quer sejam bem sucedidas ou não. Se as ações são bem-sucedidas, os ativistas aprendem que é possível ao indivíduo influenciar o curso da história, como coloca Helen Caldicott:

Muitos parecem acreditar que se tornou simplesmente impossível para um indivíduo influenciar o curso de eventos nacionais ou globais. Eu discordo. Minha experiência na Austrália de 1971 a 1976 é a de que ainda se pode fazer a democracia funcionar - de que exercendo pressão eleitoral um corpo de cidadãos ainda consegue mover seu governo para o lado da moralidade e do bom senso. Aliás, o impulso para o movimento nessa direção só pode se originar no coração e na mente do cidadão individual. Além disso, só é necessária uma pessoa para iniciar o processo, e essa pessoa pode ser inexperiente e politicamente ingênua, assim como eu quando comecei a protestar.

Experiências de insucesso também podem ter um papel positivo se forem corretamente avaliadas e se a luta for levada a um nível superior. Num nível inferior a luta pode enfrentar dificuldades causadas pelo nível mais alto do sistema, e somente mudando para uma ação de nível superior é que se pode superar estas dificuldades. Nenhum caso ilustra isso melhor que o de Eugene Victor Debs. Seu Sindicato Americano de Ferrovias conseguiu ganhar "de fora a fora" na fase inicial da greve, mas então o governo uniu-se às grandes corporações para derrotá-los. Somente direcionando o ataque ao sistema capitalista em si é que o problema pode ser contornado:

Nessa conjuntura, vimos abaterem-se sobre nós uma rápida sucessão de golpes, vindos dos lugares mais inesperados. (...) um exército de detetives foi equipado com distintivos, cerveja e cacetetes, e posto à solta (...), rumores assustadores foram espalhados; a imprensa soltava boatos e ameaças, e em todos os telefonemas passavam notícias de que a garganta branca de Chicago estava nas garras de comunistas. Seguiram-se prisões, e nosso escritório e quartel general da greve foi saqueado, destruído e lacrado pelas autoridades "legais" do governo federal (...). O Sindicato Americano das Ferrovias havia sido vencido, mas não fora conquistado - estava atônito mas não destruído. Ele vive e pulsa no movimento Socialista, e sua derrota só abriu caminho para a liberdade econômica que acelerou o alvorecer da fraternidade humana.

Uma mudança psicológica especialmente difícil pode ser a perda de uma carreira, que foi o caso de A. J. Muste e Emily Balch. Embora dolorosa na época, essa perda abriu as portas para seu desenvolvimento ulterior. Para Muste tudo começou quando foi a uma manifestação contra a guerra no começo da Primeira Guerra Mundial.

Voltei daquela enorme manifestação contra a guerra em Washington (...) para comandar um serviço em minha igreja (...). O fato de ter ido a Washington e não ter declarado meu apoio à guerra, ao voltar, faz de mim um traidor (...). A tensão naqueles dias foi demasiada. Abdiquei. Quase todos os ministros pacifistas perderam seus púlpitos durante a Primeira Guerra ou, como em Seattle (...), o ministro "ficou com o púlpito mas perdeu a congregação".

Capítulo 6 Filiação versus Anarquismo e Individualismo

Nenhum princípio psicológico especial é necessário para explicar porque os ativistas dão o passo da filiação: simplesmente percebem que o poder de suas ações aumenta quando trabalham em grupo ao invés de sozinhos. Como concluiu Debs no final de sua vida: "Desorganizado, você está impotente, é desprezado. O Poder vem pela união".

A filiação não é apenas uma questão prática, ela produz uma transformação psicológica. O propósito passa a ser partilhado. A raiva é socializada. A ação se torna mais eficaz, mas também mais complexa, envolvendo divisões de trabalho. Com tudo isso vem uma mudança psicológica profunda, como descreveu eloqüentemente Martin Luther King Jr.:

Se alguém tivesse me dito há alguns anos atrás, quando aceitei a presidência da Associação de Melhoria do Mississippi, que eu chegaria nessa posição, teria fugido disso com todas as minhas forças. Essa não é a vida que eu esperava viver. No entanto, dia após dia vai-se assumindo um pouco de responsabilidade, depois um pouco mais, até que finalmente não se está mais no controle. É preciso dar-se totalmente. E então, quando você se convence de que está se entregando, está preparado para fazer qualquer coisa que sirva à Causa e faça avançar o Movimento. Eu cheguei nesse ponto. Não tenho mais escolha do que farei. Eu me entreguei totalmente.

Debs, em seu estilo eloqüente, faz uma observação similar a respeito da importância de sua filiação ao partido socialista:

O pouco que sou, o pouco que gostaria de ser, devo ao movimento socialista. Ele me deu minhas idéias e ideais; meus princípios e convicções, e não trocaria nenhum deles pelos dólares ensanguentados de Rockefeller. O socialismo me ensinou como servir - uma lição que para mim não tem preço. Ele me ensinou o êxtase do aperto de mão de um camarada. Ele me permitiu (...) assumir meu lugar a seu lado na grande luta por um dia melhor.

E Emily Balch expressou-se com simplicidade dizendo que sua filiação à Liga Feminina Internacional pela Paz e Liberdade deu a ela "grande alegria pelo sentido de camaradagem ativa e organizada com mulheres que trabalham pela paz no mundo inteiro".

A filiação oferece inspiração, mas também provê o necessário apoio psicológico para começar e sustentar ações difíceis. Por exemplo, depois de ter sido despedido de seu emprego como ministro, A. J. Muste filiou-se a "um grupo de pacifistas radicais cristãos, informalmente reunidos no que chamávamos de: 'A Fraternidade'". Estimulados por discussões em grupo no sentido de que 'de alguma forma precisávamos traduzir o ideal da fraternidade para o mundo real', Muste e outros membros da fraternidade envolveram-se na difícil greve da Lawrence Textile, de 1919:

Nossa fraternidade era constante. Nunca houve a menor dúvida de que que nossas famílias seriam amparadas caso um de nós fosse ferido ou caísse. Na atmosfera febril de uma greve maciça, em meio às decisões que deviam ser tomadas diariamente sobre questões das quais não tínhamos qualquer experiência prévia, e que envolviam "acordos" de um tipo que jamais surgiriam numa comunidade intencional, estávamos, por um lado, sob uma verdadeira disciplina grupal, embora não imposta de fora, e por outro lado, apoiados espiritual e materialmente por aquela fraternidade.

O mesmo processo psicológico interno que leva inicialmente uma pessoa a filiar-se ao grupo, aparece depois da filiação como algo externo, voltado para o processo de recrutar outros. Como organizadora, Jane Addams era inigualável. Começando por sua filiação a Hull House, que era "mantida pelo mais saudável dos laços sociais, o companheirismo dos mútuos interesses", Jane Addams e suas colegas estabeleceram uma rede de organizações que iam das cooperativas de vizinhos e clubes até organizações nacionais e internacionais que perduram até os dias de hoje, incluindo-se a Liga das Senhoras Eleitoras, a União Americana das Liberdades Cívicas e a Liga Feminina Internacional pela Paz e pela Liberdade. Sandy Pollack, que se associou ao partido comunista quando tinha 19 anos de idade, parece ter sido também uma exímia organizadora, como descreve seu esposo nesse fragmento de poema escrito por ele:

Minha esposa tricotava frentes unidas, aturava reuniões ácidas, suportava calúnias, mas onde quer que trabalhasse, os grupos iam de pequenos para grandes.

O maior destes grupos, a passeata de 12 de Junho de 1982, contou com mais de um milhão de pessoas, a maior passeata pela paz da história dos Estados Unidos. Vendo as dimensões da multidão, ela se perguntava: "O que faremos depois disso? Que tal uma ação mundial coordenada?"

Mais do que qualquer outro estágio de desenvolvimento da consciência, a filiação requer que se aprenda habilidades psicológicas. Há habilidades positivas a serem desenvolvidas, como a paciência de Pollack; a disposição para comprometer-se e aceitar uma disciplina grupal de Muste; a generosidade corajosa de Martin Luther King Jr. A maior habilidade de Jane Addams não foi apenas vital para o sucesso da Conferência de Haia, que reuniu mulheres dos dois lados da Primeira Guerra Mundial, mas também serviu de inspiração para Emily Balch, que a descreveu da seguinte forma:

Não obstante a dificuldade de conduzir os trabalhos em meio a constituintes tão variados e diferentes, falando idiomas diversos, com regras de procedimento parlamentares diversas e pontos de vista divergentes, a Srta. Addams e outros oficiais conduziram sessões ordenadas e eficazes, marcadas pela mais ativa vontade de união que jamais senti numa assembléia.

A afiliação também requer a superação de hábitos negativos. W. E. B. Du Bois, diante da tarefa de organizar o Movimento Niagara, lembra como estava mal preparado para este grande papel de organizador:

Eu não era um líder nato. Não conseguia dar palmas nas costas e fazer amizade com estranhos. Não me era fácil abdicar da minha personalidade reservada; nem conter minhas palavras críticas a todo o momento. E no entanto, tendo posto mãos à obra, tive que continuar.

A maioria das qualidades negativas que dificultam a afiliação não são herdadas, mas advindas da falta de treino para a cooperação própria da sociedade ocidental. Depois de encontrar e trabalhar com Peter Maurin, cuja palavra de ordem era "comunidade", Dorothy Day tornou-se extremamente cônica do ponto fraco de nossa sociedade:

O ser humano não foi feito para viver só. Todos reconhecemos essa verdade. Mas não somos verdadeiramente comunitários, Peter dizia: somos apenas gregários, como a maioria das pessoas urbanas é. Peter sabia que a maioria de nós não só não recebera treinamento para o trabalho disciplinado, mas também não sabia trabalhar em conjunto.

Dada sua formação no mundo acadêmico, de que se admirava a competição e o individualismo desde a primeira série do primário, não é de se esperar que Bertrand Russell tenha achado bastante difícil afiliar-se:

Durante toda a vida quis sentir aquela unidade com grandes massas de seres humanos que experimentam os membros de multidões entusiasmadas. Essa vontade foi tão grande em certas ocasiões a ponto de me levar ao auto-engano. Imaginei ser liberal, depois socialista, ou pacifista, mas nunca fui nada disso, não profundamente. Sempre o intelecto cético, nos momentos em que mais quis que se calasse, segredava dúvidas em meu ouvido, me distanciava do entusiasmo fácil dos outros, e me transportava para uma solidão desolada.

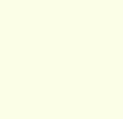
As tendências negativas do individualismo, como as que se ensina nas universidades, podem levar ao anarquismo na prática. A organização de Helen Caldicott exemplifica essa tendência, como se vê de sua descrição das "organizações soltas" que ela fundou enquanto ainda na Austrália:

Embora nos encontrássemos uma vez por semana para elaborar tudo que tínhamos feito, não havia regras nem pauta. Cada indivíduo era totalmente livre para fazer o que ele ou ela achasse necessário para levar a causa adiante. A organização não impunha qualquer restrição...

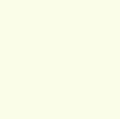
Mais tarde, quando chegou aos Estados Unidos, Caldicott achou difícil trabalhar com as organizações já estabelecidas, e portanto fundou seu próprio grupo, chamado WAND. A dificuldade de Russell para afiliar-se se tornou uma questão histórica importante quando, com idade de 90 anos de idade, ele deixou a Campanha para o Desarmamento Nuclear que ajudara a fundar, e formou um Comitê de dos 100 dedicados à desobediência civil. Quando o biógrafo Ronald Clark, Russell ganhou a reputação de "abandonar as campanhas quando chegavam à crista da onda".

Há um risco especial com relação à afiliação – o risco do sectarismo. Se a análise do grupo ao qual nos filiamos acaba sendo sectária, em outras palavras, estreita e isolada do povo em geral e do curso da história, então nosso trabalho se torna ineficaz. Na melhor das hipóteses, um grupo sectário pode ser irrelevante, e na pior, pode ser contraproducente no sentido do progresso da paz e da justiça. Em tais casos, o ativista se vê diante da difícil decisão de mudar a direção do grupo ou deixá-lo, filiando-se a outro grupo.

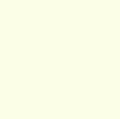
Apesar dos riscos, não há substituto para a afiliação no caminho do desenvolvimento da consciência. O indivíduo isolado, não importa o quão brilhante, é incapaz de fazer história. Somente através de afiliação e liderança em organizações é que a pessoa poderá desenvolver consciência histórica mundial. Voltaremos a esta questão mais tarde depois de tratar do próximo passo da integração pessoal.



pág. anterior [1/6]



próxima página [3/6]



voltar